



De olho na UFPR

Informativo da Associação dos Professores da
Universidade Federal do Paraná
Seção Sindical do ANDES-SN

Edição nº 01 | Maio de 2010

Impresso
Especial

9912208195/2008 DR/PR
APUFPR-SSIND

...CORREIOS...



Docentes do Setor de Ciências Biológicas sofrem com a exposição ocupacional ao formol

O Departamento de Biologia Celular ingressou, no dia 13 de abril, com um processo interno relativo à exposição crônica dos docentes, estudantes e funcionários da unidade ao formol.

Devido às propriedades tóxicas e ao potencial cancerígeno da substância, os docentes solicitam à diretoria do Setor de Ciências Biológicas da UFPR que realize serviços de modificação do espaço. O objetivo da ação é diminuir a exposição da comunidade acadêmica ao formol e, conseqüentemente, minimizar as possibilidades de adoecimento no Setor.

O processo trata de um problema enfrentado há mais de 10 anos e que até então não foi completamente solucionado: a presença do formol no espaço dividido pelos departamentos de Biologia Celular

e de Anatomia.

Além do incômodo causado pelo mau cheiro, a substância também preocupa o corpo docente devido aos malefícios que a exposição diária aos vapores do formol pode causar. Nos últimos anos, o departamento Biologia Celular já presenciou três casos de docentes diagnosticados com câncer na unidade.

O formol é usado para preservar peças anatômicas e cadáveres, tanto humanos quanto de animais, utilizados por mais de 15 cursos de graduação, além dos programas de iniciações científicas, mestrados e doutorados. Os tanques que armazenam as peças mergulhadas em formol ficam no anexo do Departamento de Anatomia e as aulas práticas são ministradas nos seis laboratórios do Departamento.

Existem registros em atas

departamentais desde 1999 em relação à preocupação dos docentes com a exposição ocupacional ao formol. Nessa época, uma comissão foi formada para estudar o potencial tóxico do formol e a possibilidade de substituição da substância por outros compostos.

“A comissão apresentou três tipos diferentes de substâncias que poderiam substituir o formol. Elas são menos tóxicas, a concentração de formol é baixíssima, entretanto são igualmente eficientes e já são usadas em várias universidades”, afirma o docente do Departamento de Biologia Celular, Ciro Alberto Ribeiro.

Em 2004, foi aberto um processo administrativo pela direção do Setor de Ciências Biológicas a fim de solicitar providências para o caso. Após a realização de perícia no local, um laudo foi emitido, no qual o

engenheiro químico e de segurança do trabalho do Serviço de Segurança e Saúde Ocupacional da UFPR (Sesao), Roberto Riva de Almeida, considerou as instalações inadequadas para a manipulação do formol. O laudo apresentou diversas recomendações relativas às instalações, ao método de trabalho e ao pessoal. No documento também constavam doenças relacionadas ao contato e inalação do formol, como dores de cabeça, irritação nos olhos e problemas respiratórios.

Entre as recomendações apresentadas no laudo, eram necessárias a instalação de exaustores no anexo do Departamento de Anatomia, onde as peças anatômicas e os cadáveres ficam acondicionados; que os tanques de formol permanecessem vedados e que os laboratórios de aula prática também recebessem exaustores.

Algumas indicações contidas no laudo técnico foram atendidas, como a instalação de exaustores no anexo do Departamento de Anatomia, entretanto, nenhum dos seis laboratórios de aula prática possui sistema de exaustão.

Segundo o engenheiro de segurança do trabalho do Sesao, Valter Jentsch, o papel da equipe que faz a visita técnica e emite o laudo é de assessorar docentes e técnicos administrativos, porém não cabe ao Sesao o papel de fiscalização do cumprimento das recomendações apresentadas no laudo.

“Solicitamos os nossos serviços, nós realizamos a perícia, avaliamos o local e emitimos um parecer com possíveis melhorias e orientações, mas acredito que o Setor seja o responsável pelas melhorias ou um órgão de fiscalização deve ser criado para isso”, afirma.

Há mais de 10 anos os docentes do Departamento de Biologia Celular reivindicam melhores condições de trabalho

Os professores expostos ao formol se encontram, principalmente, no bloco onde ficam os departamentos de Biologia Celular e Anatomia. As peças anatômicas são manipuladas no anexo de anatomia, passam algum tempo fora dos tanques de formol, para só então serem levadas aos laboratórios de aula prática que ficam no térreo. “Mas mesmo depois do período fora dos tanques, o material continua úmido e por isso, o formol evapora durante o uso, isso é inevitável”, afirma a professora Djanira Veronez, do Departamento de Anatomia.

Além disso, os professores de Biologia Celular sentem o odor e os efeitos do formol mesmo no primeiro e segundo piso, por se tratar de uma substância com caráter volátil. “A exposição dos professores

ao formol se dá pela inalação da substância aqui no departamento. Nos dias frios isso é ainda pior, porque as janelas ficam fechadas e o cheiro fica concentrado ou ficam abertas e cumprimos nossas atividades passando frio”, aponta Ribeiro.

A docente do Departamento de Biologia Celular Maria Cristina dos Santos explica que a situação dos professores expostos é complicada e que começou a se ater mais a questão do formol depois que ficou grávida. “O cheiro do formol é bem forte, é fácil perceber que ele está no ambiente, que o ar é insalubre, mas nós temos que vir trabalhar. Então é uma condição bem complicada”, afirma.

Maria Cristina evitou os locais onde o odor era mais forte nos primeiros meses de gestação por saber que a inalação do formol pode causar má formação do feto, entretanto a docente sofre de outros problemas causados pela substância. “O que é mais perceptível ao final do dia é a dor de cabeça devido ao cheiro muito forte. Antes de engravidar, eu tinha me acostumado com o odor e nem percebia, mas agora eu sinto que faz mal à saúde”.

Os cerca de 50 professores dos Departamentos de Biologia Celular e

Anatomia são expostos ao formol cotidianamente, mesmo nas atividades em que não tem contato direto com os laboratórios de anatomia ou com as peças conservadas em formol. Durante as atividades de ensino e extensão realizadas nas salas de aula ou nos gabinetes, os docentes também ficam expostos a substância. Além dos docentes e servidores técnicos da unidade, os alunos dos diversos cursos atendidos pelo departamento de Anatomia também estão sujeitos a inalação frequente do formol nas dependências do Setor.

Devido às condições de trabalho insalubres, em 2006, vários professores do Departamento de Biologia Celular encaminharam declarações e relatórios à chefia do Departamento onde constava a quantidade de horas as quais estavam expostos ao formol, uma média de 35 horas semanais.

Além da preocupação com os malefícios mais visíveis da exposição ao formol, como a irritação dos olhos e das vias respiratórias, outra questão que angústia os professores são os problemas que podem ser ocasionados devido à exposição frequente ao composto. “Nós ficamos expostos por muitos anos e por uma grande quantidade de tempo por dia, o que resulta num problema crônico”, analisa Maria Cristina.

Já a professora Flavia Rios afirma que não tem sentido tanto o cheiro do composto. “Ultimamente eu não tenho sentido, não sei se é porque

Riscos da exposição ao formol

A exposição prolongada ao formol pode levar a **dores de cabeça, palpitação e insônia.**

A **hipersensibilidade** das vias respiratórias pode ser uma resultante da exposição prolongada e contínua ao formol.

acostumei ou se por outro motivo, mas esse problema existe desde que eu era estudante aqui do Setor, no início da década de 90”, relembra.

A presidente da APUFPR-SSind Astrid Avila afirma que a saúde dos docentes durante suas atividades ocupacionais é responsabilidade da Universidade. “Cabe a Reitoria e as instâncias superiores oferecerem condições de trabalho aos docentes e técnicos que não os exponham a tamanho risco. Mesmo que os trabalhadores recebam adicionais ocupacionais, a saúde dos docentes não está a venda”, garante.



Djanira Veronez,
Professora do Departamento de Anatomia

O processo começa a surtir efeito



O composto causa **irritação nos olhos** e o contato com o formol pode **causar queimaduras** e, até mesmo, **cegueira**.

Ao atingir as **vias respiratórias**, por meio de inalação, a substância causa **difficultades respiratórias** e **lacrimação**.

A inalação por períodos prolongados pode gerar **laringite**, **bronquite** e **broncopneumonia**.

O formol ataca a **mucosa** tanto do **trato respiratório** quanto do **trato digestivo**.

O contato também pode gerar **sensibilização da pele** e **dermatoses**.

Experimentos com animais em laboratórios têm demonstrado que este composto é um **agente cancerígeno**.

O diretor do Setor de Ciências Biológicas, professor Luiz Claudio Fernandes, conta que logo que recebeu o novo processo movido pelo Departamento de Biologia Celular, solicitou que uma engenheira analisasse a possibilidade de instalar exaustores eólicos no teto. “O problema existe, isso é um fato, mas nós não temos problemas com disponibilidade recurso. Existe uma licitação aberta e a compra desses exaustores eólicos já foi providenciada com autorização da Prefeitura da Cidade Universitária”, declara.

Segundo o diretor, com a licitação aberta é provável que a instalação dos exaustores eólicos seja feita até junho de 2010. Quanto a instalações de exaustores nos laboratórios de aula prática – uma das recomendações do laudo emitido em 2004 que não foi atendida – o diretor explica que é preciso analisar a viabilidade e a necessidade da colocação desses equipamentos.

“Um dos problemas é a poluição sonora nos laboratórios caso esses exaustores sejam instalados, já que são muito barulhentos”. Conforme Fernandes, após a instalação do exaustor eólico no teto, o Setor avaliará a necessidade desses equipamentos nas salas de aula prática: “Talvez só a primeira instalação resolva o problema”, diz.

Para a professora Djanira Veronez, do Departamento de Anatomia, a possibilida-

de de colocar exaustores nas salas de aula não deve ser descartada. “O Departamento de Anatomia já fez essa solicitação junto à direção, existem exaustores silenciosos que reduziriam o problema”, expõe a docente.

Djanira afirma que todas as medidas cabíveis ao Departamento estão sendo tomadas. O anexo e os tanques que armazenam as peças anatômicas passam por uma segunda reforma, já que houve um problema na primeira. A docente conta que novas tampas serão colocadas e os tanques serão revestidos com alvenaria para melhor acondicionar o material.

Além dessas, outras medidas foram tomadas, como a aquisição de bonecos sintéticos que podem ser substituídos pelos cadáveres em determinados cursos e o estudo de outra substância que possa ser usada no lugar do formol e que apresente o mesmo grau de eficácia.

A docente também afirma que uma medida permanente e que solucionaria todo o problema seria a aquisição de câmaras frias. Segundo Djanira, essa possibilidade já vem sendo estudada há mais de dois anos pelo Departamento de Anatomia. “Nós fizemos solicitação de espaço físico junto à direção do Setor e esperamos que isso seja conquistado em breve, já que possivelmente o anexo de farmacologia seja liberado”, explica.

Com a aquisição do equipamento e disposição do

espaço físico, Djanira conta que será possível conservar em câmara fria tanto peças humanas, que em sua maioria já são conservadas em glicerol, quanto peças animais, que não aceitam tão bem substâncias diferentes do formol.

O diretor do Setor alega que somente no início do ano – quando solicitou que todos os departamentos que compõem o Biológicas enviassem os projetos estratégicos referentes ao ano de 2010 – teve conhecimento sobre a possibilidade dos materiais serem acondicionados em uma câmara fria.

“Há pouco tempo conversei com o chefe do Departamento de Anatomia e ele me informou da possibilidade de usarmos as câmaras frias, mas, até então, eu não sabia disso. É uma decisão do Departamento utilizar ou não o formol”, defende Fernandes. O encaminhamento do diretor do Setor é para que a chefia do Departamento de Anatomia procure uma empresa capacitada a instalar as câmaras frias e, a partir disso, o Setor empenhará esforços em conseguir o recurso.

A Reitoria foi procurada pela comunicação da APUFPR-SSind para se manifestar sobre o caso, mas declarou que o processo ainda não chegou à administração central. De acordo com a Reitoria, quando tiverem acesso ao processo interno, medidas serão pensadas para contribuir com a solução do problema.

Saúde não se vende

O ser humano, no decorrer da sua vida, passa por processos críticos que contribuem de forma mais decisiva para a saúde ou para a doença. Segundo o médico e professor do departamento de Saúde Comunitária Guilherme de Albuquerque, diretor administrativo da APUFPR-SSind, o trabalho está entre os processos que determinam de maneira mais importante a conformação para a saúde ou para a doença das pessoas.

“O processo de trabalho no capitalismo não está organizado, em primeiro lugar, para que o trabalhador se desenvolva enquanto ser humano, para que se realize e se satisfaça em sua atividade, mas para gerar mais capital”,

aponta Albuquerque.

Segundo o docente, nesta sociedade a preocupação com as condições de trabalho e de vida do trabalhador se baseia centralmente na necessidade de manter a força de trabalho em condições de mover os meios de produção.

Na universidade — por ser um campo que não produz bens e mercadorias, mas que oferece capacitação à força de trabalho — isso ocorre de maneira diferente.

“Reproduzir força de trabalho da forma mais barata possível é uma necessidade do capital. É por isso que numa escola pública que não visa diretamente o lucro, as condições de trabalho dos professores não são as ideais,

porque quanto menos se investir, mais barato será para formar força de trabalho”, explica.

Segundo Albuquerque é possível compreender, a partir dessa lógica, o porquê do trabalho dos docentes no Setor de Ciências Biológicas e de outros locais da Universidade ser tão nocivo à saúde. “O que acontece no caso do formol é um envenenamento cotidiano devido às condições de trabalho que são impostas aos docentes”, afirma o diretor.

A saúde ocupacional representou, historicamente, um avanço em relação à medicina do trabalho porque passou a analisar também o local onde o trabalhador está inserido. Entretanto, é a par-

tir dessa nova área da saúde e do certo equilíbrio que ela visa oferecer aos trabalhadores, que se regulamentam as dosagens máximas permitidas de produto tóxico nos ambientes.

“São estabelecidos certos limites de tolerância de uma forma muito questionável. Não há limite seguro de exposição a substâncias possivelmente cancerígenas, embora a legislação estabeleça que sim”, aponta Albuquerque.

Para o professor, o estabelecimento jurídico de limites de tolerância representou uma derrota para os trabalhadores, visto que tornou-se normal e legal a exposição cotidiana a uma substância que comprovadamente faz mal a saúde.

A monetização do risco, representada pela criação dos adicionais ocupacionais, é vista pelo diretor como uma maneira do capital convencer o trabalhador a se expor a condições de trabalho insalubres. “Trata-se de pagar ao trabalhador pela sua saúde e saúde não se vende”.

Guilherme de Albuquerque explica que é preciso que os trabalhadores reivindiquem melhores condições de trabalho e que o adoecimento não seja imposto para ninguém em nenhum processo de trabalho. “Não correr riscos é possível, só não acontece porque o capital visa à máxima lucratividade em cada processo de trabalho”, destaca.

APUFPR na defesa de melhores condições de trabalho

A APUFPR-SSind publica o primeiro boletim *De olho na UFPR*. Trata-se de uma edição mensal que visa pautar algumas problemáticas que permeiam a Universidade Federal do Paraná.

A presidente Astrid Avila explica que o objetivo deste material é trazer para o debate as situações de risco que hoje atingem diretamente os professores e a universidade pública. “Nossa preocupação é fazer com que os problemas

sejam conhecidos, debatidos e que a partir disso possamos garantir melhorias tanto nas nossas condições de trabalho quanto na qualidade do ensino, pesquisa e extensão realizados na UFPR”, destaca.

Esta primeira edição foi dedicada aos professores que sofrem com o uso do formol no Setor de Ciências Biológicas, no Centro Politécnico, e que estão expostos constantemente a condições de risco.

O processo administrati-

vo movido pelo docente Ciro Ribeiro, mostra há quanto tempo a Universidade arrasta esse problema e negligencia as possíveis consequências sofridas pelos docentes.

Para a diretoria da APUFPR-SSind as medidas tomadas até então pela Universidade e as soluções prometidas para o início de junho, ainda são paliativas para que os docentes não sofram danos a saúde. “Estamos em um momento crucial de mobilização no Se-

tor de Biológicas. Precisamos reivindicar a implantação de câmaras frias e substituir o formol por substâncias menos tóxicas e com o mesmo poder de conservação” defende Astrid.

A APUFPR-SSind acompanhará o caso e cobrará as instalações dos exaustores por parte da direção do Setor de Ciências Biológicas até junho. E, principalmente, estará na luta para que o projeto de implementação de câmaras frias — que o Departamento

de Anatomia reivindica — seja aprovado até o final do ano, já que segundo o diretor do Setor existem recursos suficientes para isso.

Essa pauta nos mostra o quanto a categoria pode avançar se estiver organizada. “Não podemos mais, enquanto docentes, nos calarmos diante das condições precárias em que vivemos. Precisamos nos organizar enquanto categoria, pautar nossas reivindicações e levá-las a Reitoria”.

EXPEDIENTE

Informativo **APUFPR-SSind**

Publicação quinzenal da Associação dos Professores da Universidade Federal do Paraná | Seção Sindical do Andes - Sindicato Nacional

Diretoria - Gestão 2009/2011

Presidente: Astrid Baecker Avila

Vice-presidente: Ivan Domingos Carvalho Santos

Secretário-geral: Luis Allan Künzle

1º Secretária: Carmen Lúcia Fornari Diez

Tesoureiro: João Francisco Ricardo Kastner Negrão

1º Tesoureiro: Fabiano Abranches Silva Dalto

Diretor Administrativo: Guilherme Souza Cavalcanti de Albuquerque

Diretor Cultural: Rodrigo Rossi Horochovski

Diretor de Esporte: Walfrido Kühl Svoboda

Diretor Jurídico: Herrmann Vinicius de Oliveira Muller

Diretora Social: Elizabeth Garzuze da Silva Araújo

Diretor de Imprensa: Marcelo Sandin Dourado

Fale Conosco

Endereço: Rua Alcides Vieira Arcoverde, 1305, Jardim das Américas

CEP 81520-260 - Curitiba, PR - **Tel.:** (41) 3078-2424

www.apufpr.org.br

Produção

Studio Art - Comunicação Integrada | (41) 3026.0630

Equipe de Redação: Dalane Santos, Thaíse Mendonça, Patricia Herman e Larissa Amorim

Revisão - Fabiane Ariello DRT/PR 6485

Projeto Gráfico - Guilherme Mikami

Diagramação - Larissa Amorim e Linecker Oliveira

Tiragem - 3.000 exemplares

Distribuição gratuita e dirigida

Os textos desta publicação estão de acordo com as novas regras